Capitão Amilcar Salgado dos Santos

A EPOPÉA DO LYZ

AO EXERCITO PORTUGUEZ

Homenagem do autor.

xx Officinas Graphicas da Papelaria
Velho Lino, de LINO AGUIAR.
Av. Ephig. Salles, 99, e R. Barroso, 2.
Manáos—Amazonas—Brasil—8618-29.

MARIO YPIRANGA MONTEIRO

Capitão Amilcar Salgado dos Santos

A EPOPÉA DO LYZ

AO EXERCITO PORTUGUEZ

Homenagem do autor.

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

Nº 614

×× Officinas Graphicas da Papelaria
Velho Lino, de LINO AGUIAR.
Av. Ephig. Salles, 99, e R. Barroso, 2.
Manáos—Amazonas—Brasil—8618-29.

AmM 0504

TRABALHOS DO MESMO AUTOR

LUCIA	em 1917
A BATALHA DE ITUZAINGÓ	em 1920
A GUERRA DA INDEPENDENCIA	em 1921
A GUERRA ENTRE O BRASIL E A REPUBLICA ARGENTINA EM 1827	em 1922
A BATALHA DE LYZ	em 1923
A BRIGADA POTYGUARA	em 1924
A IMPERATRIZ LEOPOLDINA	em 1927

E outros em collaboração no *Diario Popular,* n'*O Combate,* no *Correio Paulistano,* n'*O Diario da Noite,* (jornaes de S. Paulo), n'*A Folha* (de Jundiahy), n'*A Gazeta de Campinas,* n'*O Diario da Manhã* (de Ribeirão Preto), no *Correio do Brasil* (do Rio de Janeiro), n'*A Defeza Nacional,* no *Boletim do Estado Maior* e na *Revista do Club Militar.*

A SEGUIR:

A EPOPÉA DE ARTIGAS, O MARECHAL HERMES, A EPOPÉA DO NORTE (a guerra contra os hollandezes no Brasil) e LIGEIRO HISTORICO DO AMAZONAS.

A' memoria do General Gomes Freire de Andrade

A' memoria do *General Gomes Freire de Andrade,* o heróe dos Exercitos de Catharina da Russia; — da campanha de « Roussilon » ; — da guerra contra a Hespanha em 1801 ; — de Wagram, de Moskowa, da Retirada da Russia, de Dresde, de Lutzen, etc. e que, foi finalmente enforcado, graças a perfidia do General inglez Berresford ; — do *Marechal Duque de Saldanha* — o heróe da Campanha da Peninsula, de Montevidéo e da Campanha « Liberal », onde venceu a Bourmont.

— Tambem á memoria do jovem Commandante *Carvalho Araujo,* e de todos os officiaes, marinheiros e soldados portuguezes que pereceram na « Grande Guerra», pela honra e integridade da Bandeira portugueza.

A' memoria do saudoso *General Abilio Augusto de Noronha,* brioso Commandante da 2.ª Região Militar, em 1924.

Tambem á do *Marechal Odilio Bacellar Ranulpho de Mello,* de quem fui secretario em 1920, quando, esse saudoso chefe, commandou como Coronel, o 4.º Batalhão de Caçadores.

— A' memoria de meus saudosos camaradas, Capitães Pedro Avelino Asthon, Clementino Olegario Vieira e Tenentes Francisco Leão, Eugenio Porto Villa Nova, Hugo Bezerra e Manoel Antonio de Carvalho Batalha, estes, meus companheiros de matricula na Escola Militar em 1912; e Azhaury de Sá Britto e Souza, meu companheiro em 1919, na expedição da Bahia.

Osman Freyfeld Pedrosa
Do 1.º anno gymnasial

5.º
5.º 5.º
5.º 5
5.º anno

Osman

Ao Exmo Snr. General Gomes da Costa.
heroico e bravo commandante

Ao Ex.mo Snr. *General Gomes da Costa*, heroico e bravo commandante da 2.ª Divisão do Corpo Expedicionario Portuguez, na batalha do Lyz, — as nossas modestas homenagens.

— Aos: Marechal Joaquim Marques da Cunha, General Malan, General Octavio de Azevedo Coutinho, a quem muito devo na vida militar, pelos conselhos e orientação sabia; — ao General João Heliodoro de Miranda, meu antigo commandante no 4.º Batalhão de Caçadores, grande admirador do General Gomes da Costa, e que me aconselhou a leitura do livro *A Batalha do Lys*, desse ultimo general luzitano, — modesta homenagem do seu antigo secretario naquelle Corpo, em S. Paulo, no anno de 1921; — assim como ao General Carlos Arlindo, em reconhecimento, pelo muito que trabalhou por mim, quando um Capitão, reconhecidamente incompetente, (conforme juizo da Missão Militar Franceza) — procurou macular a minha Fé de Officio; aos Coroneis Mario Barreto, Almerio de Moura, Amilcar Botelho de Magalhães, Klinger e Joviniano Brandão, pelas innumeras provas de amizade que têm dado para com a nossa modesta e obscura pessoa.

— Ao Tenente Coronel Antonio Paiva de Sampaio, aos Capitães Cornelio de Moraes Queiroz, Francisco Pessoa Cavalcanti, Dr. Ramalho Borba Filho e Tenentes João Baptista Rangel, Benjamim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Asdrubal Gwyer de Azevedo, Agenôr Breyner Nunes e Custodio de Oliveira, — finalmente aos Snrs. Antonio Aragão, Paulo Alves e Lodonio de Souza Castro, meus antigos companheiros de trabalho, quando interinamente exercemos as funcções de Inspector de Tiro, na 2.ª Região Militar, — como prova do nosso profundo reconhecimento e amizade.

Amilcar Salgado dos Santos.

Capitão Amilcar Salgado dos Santos

Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico do Estado do Pará; — correspondente do da Bahia; — da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e da de Sciencias, Lettras e Artes de Campinas (Estado de São Paulo).

Nasceu em 1891 em Belém (Pará). Assentou praça a 1-1-911. Matriculou-se na Escola Militar em 18-3-912. Por conclusão do curso foi como Aspirante a Official, classificado no 52.º Batalhão de Caçadores, em 23-9-915. Promovido a 2.º Tenente em Novembro de 1917, a 1.º Tenente em 7-9-922 e a Capitão em 10 de Outubro de 1928. Tem curso de Infantaria e Cavallaria pelo Regulamento de 1905. *Serviços de Guerra*. Em Dezembro e Novembro como voluntario serviu contra os marinheiros e o Batalhão Naval, revoltados. De 1916 a 1917 fez parte da Expedição a Matto Grosso. Em 1919, na Expedição a Goyaz e Bahia Em 1922, na Expedição do General Potyguara ao Jupiá (Matto Grosso). Em 1924 na campanha em S. Paulo. Em 1926 foi nomeado interinamente, Inspector de Tiro e E. I. M. na 2.ª Região Militar. Em Novembro de 1928, foi classificado no 27.º B. C., onde exerce interinamente as funcções de Fiscal.

BREVES PALAVRAS

Desde 1922 que venho successivamente reproduzindo, nos mezes de Abril de cada anno, o meu artigo sobre a Batalha do « Lyz » ou de « Armentières », em homenagem ao Exercito Portuguez, e especialmente aos bravos soldados luzitanos que se bateram em França, no dia 9 de Abril de 1918.

O mesmo artigo já foi impresso n'um fasciculo, mas, tendo sido diminuta a tiragem, resolvi fazer uma segunda, tendo sempre presente as palavras do meu antigo Commandante no 4.º Batalhão de Caçadores, o então Coronel João Heliodoro de Miranda, em sua residencia, á Rua S. João N.º 48, em Nicteroy, por occasião de uma nossa estadia na mesma: — « que era bastante lamentavel, não ter, até aquella occasião, algum official do Exercito Brasileiro, rendido sua homenagem aos portuguezes que se bateram no Lyz ».

Mostrei-lhe, então, uma reproducção daquelle meu artigo, publicado no O Combate *de S. Paulo, e no qual, ligeiramente, me refiro á pessoa daquelle meu antigo Commandante.*

Descendente de transmontanos, o que muito me orgulha, vejo na publicação em opusculo daquelle meu citado artigo,

um dever de gratidão para com a nobre Patria Portugueza, que foi a Patria dos meus antepassados (1).

Na parte annexa vae o capitulo inedito « Portugal na Grande Guerra » *do meu livro a sahir* – Brasil-Allemanha – *como homenagem, não só á gloriosa Patria de Camões, como á memoria do jovem e bravo Commandante Carvalho de Araujo que, com seus commandados, souberam morrer, mantendo as heroicas tradicções legadas pelos seus antepassados – os marinheiros portuguezes.*

Peço ao benevolo leitor que me desculpe os erros que encontrar neste modesto trabalho; não sou litterato, mas, como Victor Hugo, em La Legende des Siecles *creio que:* Il est permis même au plus faible d'avoir une bonne intencion et de la dire.

Santa Theresa, (Rio de Janeiro), 2 de Outubro de 1928.

Capitão Amilcar Salgado dos Santos.

(1) Por parte de Pae, descendemos de transmontanos e por parte de Mãe, de Ilhéos, pois meu Avô materno, nascera na Ilha Terceira de onde viéra para o Brasil, com menos de um anno de idade.

BATALHA DO LYZ

Se a Grande Guerra tivesse durado mais alguns mezes, tambem chegaria a vez do Brasil ter concorrido com alguns contingentes, afim de reforçar o «front».

Estou convencido de que nos iria acontecer o mesmo que aconteceu aos nossos bravos irmãos, os lusitanos, isto é, iriamos ficar abandonados á espera das promessas inglezas e francezas, tal como ficaram os portuguezes.

Leia-se sobre isso o que diz o bravo general Gomes da Costa, em seu livro «A Batalha do Lys», tão justamente recommendado pelo general João Helliodoro de Miranda. «E' de suppor-se que os allemães, sabendo que no sector portuguez ia dar-se a substituição das tropas que lá se achavam, aproveitaram essa circumstancia para darem o assalto, que foi precedido por forte pre-

paração de artilharia a qual durou tres dias, findos os quaes, os infantes allemães, formados em grupos, sahiram das trincheiras debaixo da maior calma, e logo furiosamente atacaram os portuguezes e inglezes das Divisões visinhas (a de n.º 55.ª e a de n.º 40.ª).

Em um numero de *Illustration*, lê-se uma nota do proprio punho do marechal Foch — «que os allemães romperam o sector occupado pelas tropas portuguezas fatigadas». (1)

Isso é inexacto, pois os allemães romperam a linha do norte do sector portuguez, em pleno sector guarnecidos por inglezes, envolvendo depois o sector portuguez. As forças portuguezas que defendiam a linha de frente, no sector norte (Flanquissart), foram atacadas pela rectaguarda.

Ha 8 annos servia no 6.º R. I. em Caçapava, quando tive o coração dilacerado ao ler as primeiras noticias, segundo as quaes os portuguezes haviam soffrido um sério revez em «Armentiéres».

Felizmente, pelas noticias chegadas depois, verifiquei que o «revez» foi mais uma pagina de gloria e honra para o Exercito Portuguez.

---

(1) O capitão inglez Ferdinand Tuohy, em sua *Le Mystérés de l'Espionage*, traduc. de Maurice Deobra, Paris, pags. 233-234, diz o seguinte: «Fracos, desmoralizados (os portuguezes), insulados em França, cederam os portuguezes terreno e fugiram em desordem, ou foram submersos pela onda tedesca».

Quanta injustiça nestas poucas palavras dum alliado dos portuguezes! . . . A proposito, aconselhamos a leitura do magnifico livro *A dominação ingleza em Portugal* (O que nos tem sido a alliança da Inglaterra), por um compatriota de Gomes Freire de Andrade.

Foi o formidavel chóque levado a effeito no dia 9 de Abril de 1918 pelas forças allemãs, contra o sector portuguez, oito vezes mais numerosas que as lusitanas.

Aquelle sector estava guarnecido pela 2.ª divisão do C. E. P., commandado pelo general Tamagnini, sendo aquella commandada pelo general Gomes da Costa.

Já ha varios mezes que esperava aquella Divisão ser substituida por outra. Somente nas vesperas da Batalha de *Armentiéres* ou do *Lyz* é que veio a ordem de substituição, no dia 11 do mesmo mez.

Os communicados inglezes insinuaram que as alas portuguezas retrocederam, motivo pelo qual se fez a penetração allemã. Dizem aquelles que a 55.ª Divisão Britannica fôra forçada a tomar flanco defensivo em Givenchy-Festubart e Le Taurelim, para se defender da penetração allemã, pela brecha aberta nas posições portuguezas, que ficavam á sua esquerda.

Diz o general Gomes da Costa: «Foi precisamente o regimento do flanco esquerdo da 55.ª Divisão Britannica que abriu caminho aos allemães e lhes prometteu envolver o flanco direito, forçando a retirar. Manobra analoga se deu á minha esquerda com a divisão ingleza.

«Infelizmente o telegramma do commando do Corpo Portuguez para Lisboa, não foi de molde a contrariar o britannico, desejoso de salvar

a honra das divisões 40.ª 55.ª, que os allemães tinham compromettido» (Da Batalha do Lys, cit.)

O que é verdade é que os portuguezes defenderam á bayoneta o terreno palmo a palmo. Isso até hoje pode-se ver, graças ao grande numero de sepulturas que existem no espaço occupado pelos 10.º e 17.º de infantaria, que guarneciam a 1.ª linha da ala direita.

Era esse espaço o do sub-sector, onde os allemães penetraram ás 8 horas, onde a lucta á bayoneta foi tremenda, encarniçada, principalmente com a 3.ª companhia.

Na zona occupada pelo 17.º Batalhão é onde ha maior numero de sepulturas, pois o Batalhão apenas ficou com 150 homens dos 800 que já tinha! Isso tudo vem confirmar que os portuguezes se deixaram anniquillar no posto. Não debandaram!

Está mais que confirmado que os allemães varreram em primeiro logar os inglezes, para depois atacarem os portuguezes, pela rectaguarda.

E assim, todos os pontos da linha de frente pelo grande numero de sepulturas attestam como os portuguezes se bateram com valor encarniçado. Jámais pensaram em fugir! Tal foi em Lavantie e Picanin, que eram guarnecidos em 1.ª linha pelos 8.º e 20.º Batalhões.

Dos 750 soldados do 20.º Batalhão, apenas se salvaram 189! Esse resto foi reforçar o 29.º

Batalhão, que apoiava a ala esquerda, até que, exgottando-se as munições, se retirou a passo.

Falamos tanto em sepulturas... Sim, pois emquanto os francezes e inglezes tratavam com desprezo ou roubavam as glorias dos portuguezes, mal terminou a batalha, os allemães piedosamente, enterraram os cadaveres portuguezes e escreveram nas cruzes das sepulturas phrases como a seguinte:

«**Hier ruht ein tapferer Portugiese. Ruhe sanft**». Quer dizer: — «Aqui jaz um valente portuguez. Descançae em paz».

Teve a 2.ª Divisão do C. E. P., nesta batalha, umas 9.000 baixas, sendo 327 officiaes.

Os portuguezes, atacados de improviso e debaixo de forte nevoeiro, ainda tiveram que luctar sob um fogo de artilharia terrivel, e com os gazes asphixiantes.

A Divisão que defendia uma frente tão difficil, soube resistir com extrema bravura, contendo o impulso do inimigo, retardando o seu avanço.

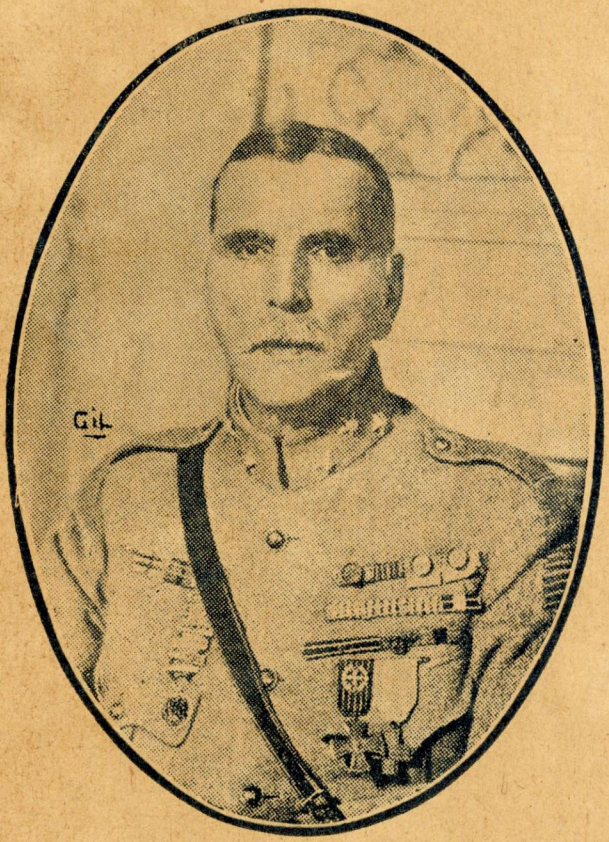
Os officiaes e soldados sustentaram o choque allemão; mas, tendo se exgottado a munição e achando-se completamente envolvidos, procuraram libertar-se, dando uma terrivel carga de bayoneta.

Fracções lusitanas recusaram-se a render, luctando até cahir o ultimo homem.

Portugal escreveu nos baixios do *Lys* uma das mais bellas paginas de sua historia militar.

Os portuguezes que se bateram em 9 de Abril de 1918 em Armentiéres, mantiveram as mesmas tradições dos bravos que se bateram em Aljubarrota e Ceuta; na *Peninsula* contra as gloriosas phalanges napoleonicas, sob as ordens de Wellington, Silveira, Lecór e Saldanha; assim como dos bravos da *Legião Luzitana* que, incorporados ao Exercito de Napoleão, se cobriram de glorias em Wagran, Moscou, na retirada da Russia, Lutzen, etc. sob o commando de Gomes Freire de Andrade, o mais valoroso general portuguez dos tempos modernos.

Honra e gloria, pois, á memoria dos nossos bravos irmãos portuguezes que com tanto valor morreram na Batalha do Lys!



GENERAL GOMES DA COSTA

O heroico e bravo Commandante da 2.ª Divisão
do C. E. Portuguez,
em França, durante a grande guerra.

Portugal na Grande Guerra (1)

Ao rebentar a guerra, o Governo Portuguez organisou uma expedição militar que seguio para a Africa, afim de guardar suas colonias limitrophes com as da Allemanha.

Em 1915, Portugal declarou guerra á Allemanha, dando-se logo a occupação dos navios allemães que, ao iniciar a guerra, se haviam refugiado nos portos luzitanos. Nessa occasião, telegrammas, vindos de Portugal, narravam a maneira como fôra feita a occupação dos referidos vapores e o abandono dos mesmos pela guarnição germanica. Diziam as mesmas noticias, que fôra notado um velho tripulante allemão, que já álguns annos pertencia á guarnição de certo vapor, «ficar na occasião em que deixava o mesmo, com os olhos razos de lagrimas».

Uma vez Portugal, passando a fazer parte das nações belligerantes, preparou-se immediatamente um destacamento das forças luzitanas, que logo seguiram para a França, afim de cooperar nas operações militares do «front».

O ponto de concentração foi Tancos, onde as

(1) Este capitulo é extrahido do nosso livro inédito *Brasil-Allemanha* que, sob a mesma epigraphe, forma um dos capitulos desse livro a editar-se na Allemanha e que graças aos esforços de meu irmão Dr. Tacito Salgado, e do Snr. Ministro Allemão no Rio, está na Allemanha a editar-se.

forças expedicionarias começaram a ser organizadas, reinando grande enthusiasmo entre os expedicionarios. *(Notas dos jornaes da época).*

Os primeiros destacamentos, do que ficou mais tarde chamado «Corpo Expedicionario Portuguez» (C. E. P.), foram recebidos em França com grandes provas de enthusiasmo e, á proporção que iam chegando, eram mandados para a rectaguarda das forças que estavam empenhadas na lucta, afim de irem se aperfeiçoando.

Quando se formou o C. E. P., do qual assumiu o commando o general Tamagnini de Abreu, foi o mesmo dividido em duas divisões, sendo que a 2.ª, ao commando do general Gomes da Costa, seguio para a «Linha de Frente», pois lhe fôra designado um sector.

Durante a Grande Guerra, soffreu Portugal ataques em seus portos, como no de Funchal, no qual um submarino penetrou e, depois de torpedear 3 vapores, ainda bombardeou a cidade.

Entre os mais bellos episodios da guerra naval, cita-se o combate do caça-minas «Augusto de Castilho», com um submarino allemão, quando o primeiro procurava defender o vapor portuguez «São Miguel», que levava 300 passageiros. O caça-minas, apezar da inferioridade de seu armamento atacou com resolução o poderoso inimigo, sendo mais tarde merecedor das mais bellas referencias por parte dos officiaes do submarino. Neste combate perdeu a vida de modo glorioso o commandante do caça-minas, o capitão tenente Carvalho de Araujo, além de outros officiaes e marinheiros. Os allemães renderam de maneira commovente, as mais justas homenagens aos seus gloriosos vencidos; antes de affundarem o pequeno navio luzitano, envolveram o corpo do seu desditoso e bravo commandante, na bandeira da Patria de Camões, a qual foi ao fundo envolvendo tão precioso fardo.

Durante muito tempo no sector portuguez houve apenas combates de patrulhas portuguezas e allemãs. O

primeiro official morto no «front» foi o tenente Joaquim Magro. Finalmente, a 9 de Abril de 1918, deu-se a formidavel batalha do Lys, ou Armentiéres, que foi mais uma pagina de honra e gloria para o soldado portuguez.

CONCLUSÕES:

Foi a sua alliança secular com a Inglaterra, o motivo principal da entrada de Portugal na guerra, ao lado dos «alliados», tendo feito por estes, inauditos sacrificios, soffrido grandes prejuizos commerciaes, perdendo regular numero de embarcações de commercio, assim como elevado numero de filhos que ficaram mortos nos campos de batalha da França; e, no entretanto, depois de ter tomado parte na guerra ao lado dos inimigos da Allemanha, foi ao terminar a mesma tratado com ingratidão e desprezo pela França, e pela Inglaterra, que apezar de ser sua alliada, sempre teve para Portugal, a mais asqueroza conducta. (1) Já dos allemães, deu-se o contrario, pois os mesmos, apezar de inimigos, fizeram toda a justiça aos soldados portuguezes. Ainda ha pouco, o Marechal Von Hindemburgo, respondendo a uns quesitos de um official portuguez, com o seu proprio punho, fez as mais elogiosas referencias quanto ao modo como se conduzio o soldado portuguez na batalha do Lys. Tambem os officiaes do submarino allemão que metteu ao fundo o caça-minas «Augusto de Castilho, renderam as mais bellas homenagens aos portuguezes que guarneciam esse navio.

O C. E. P., durante o tempo que permaneceu na França, soube honrar as bellas tradições do Exercito Portuguez, e, com toda a dignidade, manteve a honra da Patria. A 2.ª Divisão do mesmo, que combateu sob o commando

(1) Leia-se *A Dominação Ingleza em Portugal.* O que nos tem servido a alliança da Inglaterra, — por um compatriota de Gomes Freire de Andrade.

do General Gomes da Costa, manteve o legado de seus antepassados, pela bravura demonstrada no decorrer da batalha do Lys, onde os soldados portuguezes, defenderam com dignidade á bayoneta, o terreno, sem recuar um passo sequer, e assim morreram.

O episodio do caça-minas "Augusto de Castilho"

« Na noite de 14 de Outubro de 1926, navegava pelo Atlantico, com rumo a São Miguel dos Açores, o paquete que tem o nome daquella ilha portugueza. Comboiava-o para defendel-o dos ataques dos submarinos, o caça-minas « Augusto de Castilho », do commando do Tenente Carvalho de Araujo, quando pela manhã, ribombou um tiro de canhão. Carvalho Araujo e seus commandados tomam seus postos de combate resolutamente. Emquanto o « São Miguel », fóge a toda a força de machina, a tripulação do « Augusto de Castilho, se dispõe a morrer no posto de honra, como os seus antepassados patricios.

Vejamos o que diz o immediato e o commandante do submarino que metteu a pique aquelle caça-minas:

« De repente o « destroyer » portuguez tomou a offensiva. e atacou o submarino com muito brio, apezar de ter peças fracas. Obrigados a deixar o paquete, concentramos o fogo no caça-minas, que em pouco tempo foi attingido. Apezar disso não deixou de atacar, até que um tiro em cheio na ponte o obrigou a voltar. O leme tambem não funccionava. Acabamos o fogo, quando notamos que a tripulação do caça-minas se mettia nos botes e alguns homens se deitavam ao mar. O caça-minas ainda por algum tempo atirou com a peça de prôa, apezar de attingido bastantes vezes. Depois cessou o fogo, o submarino aproximou-se. Perto do navio portuguez estava uma jangada com 7 homens fardados. Foram todos recolhidos a bordo do subma-

rino e os feridos tratados pelo nosso medico. Fez-nos muito bôa impressão, um jovem official que apezar de ferido numa perna, quiz que primeiramente fossem tratados os seus marinheiros e só depois se deixara pensar. Interrogado a respeito de seu commandante, respondeu que tinha sido morto. O submarino dirigiu-se depois ao caça-minas afim de se abastecer das suas provisões, bussola e velas.

— No caça-minas se encontravam 9 mortos, entre elles o commandante, cujo cadaver estava estendido no convéz. Foi coberto com a bandeira portugueza e desceu para o fundo com o seu navio. « Tenho de confessar, que o ataque foi feito pelo « Augusto de Castilho », *com brio e tenacidade nunca observados n'outros inimigos; e que a valentia com que esse vaso se arrojou sobre o submarino me provocou admiração. Mandei então manifestar o meu reconhecimento pelo comportamento valente dos portuguezes a um dos officiaes que foi tratado no submarino. Depois os naufragos foram mandados embora, seguindo em botes.*

— Reproduzimos esta narrativa dos officiaes da marinha allemã, para mostrar este exemplo de generosidade dos mesmos para com os inimigos portuguezes, — como reconhecimento e admiração delles para com a bravura luzitana.

Honra e gloria pois á memoria de Carvalho Araujo !...

HOMENAGEM AO ANTIGO E GLORIOSO EXERCITO PORTUGUEZ

GENERAL GOMES FREIRE

A Divisão Portugueza de Voluntarios d'El-Rei, a 12 de Maio de 1816, dasfila em Nicteroy (Brasil), deante de D. João VI.

O heroismo de um obscuro soldado portuguez

(Descripto por um official allemão que tomou parte na batalha do Lyz)

> « Que o saibam ler e comprehender aquelles que, tantas vezes, não córam de vergonha em cuspir nas faces de quem tão alto sempre soube hombrear o seu passado ».

A *Vossische Zeitung,* no seu suplemento litterario e scientifico de 17 de Fevereiro, publicava uma narrativa de Friedrich Burschell, cuja acção decorrendo á batalha do Lyz, tem por protagonista um humilde e desconhecido soldadito portuguez. Essa narrativa foi traduzida pelo *Diario de Noticias,* de Lisbôa.

« Nas primeiras horas da offensiva d'Armentiéres, após o exito esmagador daquella certeira tempestade de fogo de artilheria tedesca, uma patrulha allemã seguia descuidadosamente por um campo de trincheiras abandonadas em desordenada fuga *(sic)* pela divisão portugueza, quando ao deixar para tráz de si toda uma paisagem lunar de terras crivadas de luras pelo fogo das granadas, e ao

dirigir-se para as baterias de Lavantie, sentiu, subitamente, vindos da rectaguarda, alguns disparos de metralha. O chefe da patrulha, moço estudante, havia pouco tempo posto á frente da companhia — pois que o tenente fôra victimado pela explosão de uma das minas que collocára numa trincheira — mandou a sua gente acolher-se a um abrigo, e, de binoculo em punho, começou a rebuscar todas as cratéras do terreno, no intuito de descobrir tão incommodo empecilho.

Mas, o caso, em bôa verdade, estava-se tornando mysterioso. A cerca de quinhentos metros para a direita, via elle avançar em massas claras pela rua central de uma aldeia, uma companhia de metralhadoras; á esquerda e mais além, o chefe da patrulha tudesca podia lobrigar os prisioneiros, com os seus lisos capacetes de aço, vultos avantajados de kaki, turba de inglezes que, das posições da rectaguarda, e arrastando lentamente comsigo os feridos, se dirigiam para os pontos de concentracão ou para os postos de saude. Em boa verdade acabára a batalha: pelo menos aquella parte da batalha havia terminado. O inimigo parecia ter sido totalmente aniquilado pela surpresa do ataque. A poderosa artilharia pesada, todo um arsenal de peças de campanha, obuzes rapidos de toda a qualidade, morteiros Skoda, um acervo de boccas de fogo, qualquer cousa gigantesco, onde o temivel 420, metodicamente se tinha associado com as rechinantes minas, das granadas de gaz giravam por entre os asfixiados, os lança-chamas, as metralhadoras e os gazes soprados das trincheiras — todo um conjucto de refinados, e longamente meditados meios de destruição — não tinham necessitado de mais uma hora, pois que o fogo do inimigo era fraco — para juncar cada metro quadrado de terreno com a sua mortifera saraivada de metralha, envenenando-o de gazes, encurralhando-o entre tropas de reserva, de forma que, não era milagre que em toda aquella dilatada extensão tudo agora tivesse sido reduzido ao silencio, ouvia-se apenas o rodar das carretas

de artilharia: lá no alto ronronava um aeroplano solitario, e só algumas peças de alto calibre, para tornar a confusão da fuga, roncavam profundamente despedindo largas rajadas de fogo contra as estações, caminhos de através e quarteis generaes.

Mas, a que proposito viria aquelle fogo, lá da orla da aldeia? Havia, portanto, ainda em actividade, uma bateria isolada... Não eram a morte e destruição que ella cuspia; nem tão pouco as suas quatro peças disparavam ao mesmo tempo: era por pausas que vomitavam fogo e sempre um só tiro de cada vez. E a patrulha não sabia que fazer. Para traz della a aldeia ficára limpa de inimigos; o resto da companhia desapparecera pacificamente por entre o casario fronteiro; após os captivos seguiam tropas de infanteria — um pouco para a direita e já distantes alguns kilometros; por traz de tudo, sahindo de seus logares de concentração em massas espessas de corpos e divisões, punha-se em marcha o exercito germanico...

Ficar ali por via daquelles tiros isolados não fazia sentido, e, o moço tenente erguendo o braço, levou á bocca o apito de commando emquanto os seus homens o seguiam transportando as metralhadoras. Mas, mais além, lá da rua por onde seguiam as tropas, já os tiros haviam sido notados. E as metralhadoras começaram a tomar posições para encurralar aquella bateria allucinada que, o mais tardar em dez minutos, reduziriam a silencio.

O tenente, com um estranho sentimento a dominar-lhe o espirito, e seguindo por entre aquelle acervo de covachos, foi-se aproximando, aproximando cada vez mais, sem nada ver distinctamente, sem que os seus olhos lhe dessem a chave daquelle mysterio.

Mas de repente, o enigma desfez-se; já as lentes do seu binoculo focaram a bateria. Junto do terceiro canhão que se encontrava um pouco fóra da linha estavam prostados dois homens e, o tenente pôde vêr com exatidão qualquer coisa que antes lhe teria parecido impossivel... Um

só homem servia toda a bateria, arrastava as granadas, carregava a peça, fazia as pontarias, disparava e, observando por uns minutos o tiro, desatava de novo a correr para o monte das granadas, tornava a carregar, a apontar, a disparar, servindo-se sempre das quatro peças, insensivel á fadiga, os olhos esgaseados, não olhando á direita nem á esquerda porque o tiro lh'o não consentia. Um homem sosinho, ali, emquanto, a muitos kilometros já, por detráz delle, as tropas eram compellidas á retirada numa enorme confusão e, dos lados, na frente e na rectaguarda, marchava o exercito allemão em todo o poder de seus corpos e divisões — o que significava ali aquelle combatente isolado?

O tenente allemão examinou-lhe as feições. Era um rapazote — um recruta bizonho, pensou — estatura mediana mas esbelta; sem capacete, nem boné, sem armas; o cabello empastado de terra curtos e encaracolado; rosto muito moreno, olivaceo por assim dizer e coberto de suor.

A batalha terminara e o estudante allemão deteve-se maravilhado perante aquelle quadro: nem dava conta das lagrimas, que lhe corriam pelas faces: pela primeira vez, depois de tão dilatada guerra e tamanha tempestade de meios de destruição humana, lhe vinha á memoria um poeta-aquelle Homero divino e os immortaes acentos da sua alta epopéa sobre a quéda de Troia e as grandes luctas singulares onde cada um dos heróes não era mais bello do aquelle mocito.

Já, porém, as metralhadoras tinham sido collocadas em pontaria e, ao aceno de um tenente allemão, ei-las que começaram, dura e metalicamente, a alvejar o heróe. E como que uma tempestade, como que um dilluvio de balas pelas guélas de aço das metralhadores sobre um unico homem: se ainda o não haviam attingido, em breve porém, o iriam derrubar. Já não havia tempo para acenar ao heróe, para lhe dizer que erguesse os braços. Só era tempo, sim,

para cada um, se sentir tomado de espanto, de admiração e, durante longo espaço aquelle vulto de soldado portuguez ergueu-se em toda a sua altura na alma do official allemão que não podia acreditar no que os seus olhos viam, de tal forma o soldado lhe parecia uma figura de sonho, superior a quantas realidades o dia lhe podesse proporcionar!...

O destino precipitou-se porém e rapidamente. O soldadinho portuguez já déra conta dos tiros que, de todos os lados o ameçavam, lhe assoviavam rente do corpo e junto delle chillreavam num canto de morte. Era-lhe forçoso agora acabar com a sua tarefa, dar aos olhos uma outra direcção, e foi então que elle viu o que, durante todo aquelle largo espaço de tempo, não pudera vêr. Lá adiante, na rua principal da aldeia, divisava-se o exercito allemão em marcha e as centenas de altivos inglezes que se tinham entregado; via agora que só elle estava ali, em campo aberto e razo, cercado por todos os lados e com as metralhadoras despedindo sobre si gargalhadas de morte... E' então, como a uma creança a quem cruelmente desiludiram, saltaram-lhe grossas como punhos, as lagrimas dos olhos áquelle moço batalhador; e correu a ir buscar outra granada.

O que? aquelle doido quererá continuar a fazer fogo? pensou lá para consigo o official allemão.

Mas o soldado portuguez collocara a granada diante da culatra da segunda peça e, tomando um martello que para ali estava, — um grande e solido martello — agarrou-o com ambas as mãos numa crispação de musculos; inclinou-se, puxando a pancada da rectaguarda e fazendo-a passar por sobre a cabeça. Durante um instante o escolar tudesco, o coração a parecer que lhe queria saltar pela bocca á fóra, olhou os pulsos do portuguez ferrados no cabo do martello, viu aquelles cabellos empastados de terra, aquelle rosto olivaceo que resplandecia de suor até que num relampago, o martello, brandido no ar ás mãos ambas, caiu sobre a

granada e, ao estrondo da detonação, numa nuvem de poeira, de lama e de metralha, desapareceu o moço batalhador portuguez — aquelle moço que ao pé dos dez milhões de victimas, ou junto dos mortos desconhecidos da guerra mundial nada significava então, mas que combatia e morria como um heróe de antanho, um daquelles heróes que havia cantado o divino poeta da Grecia antiga. » (1)

(a) FRIEDRICH BUROCHELL.

(1) Ainda no final deste opusculo, rendo minhas homenagens á memorias dos portuguezes mortos na longa campanha da « Peninsula », contra as gloriosas phalanges napoleonicas; como aos que fizeram parte da « Divisão de Voluntarios d'El-Rei », que sob o commando do General Lecór, em fins de 1815, partiram de Portugal, e, que depois de estacionarem no Rio de Janeiro e Nictheroy, fizeram a terrivel e sanguinolenta campanha contra o glorioso ARTIGAS — o Pae da Independencia do Uruguay, que foi victimado graças ás ambições imperialistas no Rio da Prata, pelo governo de D. João VI.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com